

ELEVADO 3.5

JOÃO SODRÉ / MÁIRA BÜHLER / PAULO PASTORELO



Crédito: Nelson Kon

ELEVADO 3.5

PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO

*A cidade e o seu viver se descobrem. E pedem
que dela se fale e se pense e se diga e se faça.*

Flavio L. Motta

Este documentário propõe discutir as dinâmicas urbanas e sociais estabelecidas a partir da construção do Elevado Costa e Silva (Minhocão) em 1971. Trata-se de investigar de que maneira a construção de uma obra tão impactante na escala da cidade (um viaduto com 3.5 km de extensão) produz e/ou potencializa relações sociais no seu entorno. O objetivo é conseguir registrar neste vídeo como se relacionam os dois personagens desta história: o espaço construído (Minhocão) e a população. O documentário irá trabalhar a narrativa desse personagem construído por meio de imagens, formando o *discurso do espaço*, e das subjetividades trazidas pelos personagens humanos, o *discurso do sujeito*. Ambas especulam a possibilidade de transformação desta paisagem urbana.

O documentário desenvolve-se em duas estruturas narrativas complementares que apreendem o Minhocão em suas três cotas (ou camadas) e em seus dois eixos. Em relação às cotas, temos o primeiro nível que corresponde ao térreo, ao chão da cidade: é o da Av. São João e da R. Amaral Gurgel, onde se encontram o comerciante, o morador de rua, o passante, o passageiro, o travesti. O próximo nível, seis metros acima do primeiro, é o do Elevado: nele se cruzam o morador dos primeiros andares, o motorista e os “domingueiros” (lazer nos domingos). Por fim, os níveis superiores ao do viaduto, correspondem à visão panorâmica dos moradores dos últimos andares. Por essas três camadas, o enredo irá se desenvolver sob a perspectiva dos dois personagens centrais: espaço e sujeito. Quanto aos seus eixos, o longitudinal corresponde ao do trajeto do carro/ônibus, da passagem, do tempo fugaz, já o transversal, ao contrário, é um corte, uma fatia do viaduto: inscrição de um tempo vivido, tempo de quem observa (da janela, do boteco...). A câmera descreve esses dois tempos.

Na contramão do reiterado discurso sobre o esvaziamento e degradação da área central da cidade, revelam-se personagens e histórias de vida que atestam a historicidade do lugar. Falam sobre a passagem do tempo, cruzando suas trajetórias pessoais, o lugar que habitam e seus projetos futuros. O Minhocão se revela como o lugar da possibilidade de reinvenção da vida.

Nas andanças pela Av. São João e pela R. Amaral Gurgel travamos rápidas conversas com diversos personagens que encontramos. Em suas falas, a vida permeia aquele lugar, manifestada pelos diferentes sujeitos que provocam novas situações de relações entre as pessoas e entre elas e o espaço. À primeira vista nos parece contraditório pensar em vida quando o que vemos ao redor são apenas vestígios de morte: lojas de móveis e geladeiras usados, antiquários, bancas-sebos de jornais e discos, apartamentos vazios e fachadas degradadas. Este filme procura ir além das imagens de degradação que cercam o Minhocão.

ELEIÇÃO E DESCRIÇÃO DOS OBJETOS

1) *Personagens humanos reais*: compõem um universo de 6 a 8 pessoas que entrevistadas em profundidade, dispostas ao longo das três camadas e dos dois eixos. O morador de rua, e/ou o comerciante, e/ou os passantes e travestis que estão no chão da cidade; o morador dos apartamentos, e/ou os “domingueiros” e/ou os motoristas que estão no plano do viaduto; e, por fim, os moradores que estão acima do Elevado Costa e Silva. A escolha dos personagens leva em conta a riqueza de sua história para o documentário, bem como sua “desenvoltura” como tal.

2) *Personagem construído (paisagem)*: trataremos o Minhocão como um personagem do documentário. O Elevado, ao mesmo tempo que cria um espaço, recebe as intervenções daqueles que dele se apropriam. O que está em debate não é um pré-conceito que temos sobre a qualidade deste espaço, mas buscar decupar com imagens as relações espaciais que ele estabelece com seu entorno e dar vazão as subjetividades dos personagens humanos sugeridas a seu respeito.

3) *Imagens de arquivo*: serão utilizadas imagens de arquivos públicos e particulares. Dentre os primeiros, buscaremos imagens que retratem o Elevado desde sua construção. Dos arquivos particulares, nos interessa as imagens produzidas ou recolhidas junto aos entrevistados, que revelem o olhar dessas pessoas sobre o Minhocão. Uma referência importante é a intervenção artística realizada por Flavio L. Motta e Marcello Nitsche nos pilares centrais da Av. São João, documentada por ambos no Super-8 *Superfícies Habitáveis - Memorial 2*, de 1974.

ELEIÇÃO E JUSTIFICATIVA PARA AS ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM

1) *Personagens humanos reais*: buscamos nos entrevistados deste documentário histórias que possam revelar subjetividades da relação do personagem com o Minhocão. O discurso pronto, meramente de opinião, não cria a dimensão de personagem para o entrevistado. Como não queremos defender nenhuma tese a respeito do assunto, que faça uso das entrevistadas para ratificar uma idéia prévia, é importante criar um espaço temporal para que os personagens se desenvolvam. Primeiramente iremos investigar suas trajetórias pela cidade: se nasceu aqui, ou quando chegou, por que veio, se tem família, onde mora, onde trabalha, como circula. Desta forma poderemos situar o entrevistado no espaço urbano. É pela proximidade de moradia, de trabalho, de trânsito ou de lazer do personagem com o Minhocão, que passamos para segunda parte da entrevista: desde quando conhece o viaduto, se recorda da sua construção, quais eram as justificativas na época, porque está ali, ou passando por ali, como era a paisagem e como esta agora, que histórias se recorda, aonde aconteceram, que memórias permaneceram, como imagina sua possível demolição. Enquanto na primeira parte priorizaremos a realização das entrevistas na casa dos personagens, aqui buscaremos realizá-las em lugares do viaduto sugeridos pelo entrevistado. Para as entrevistas é importante ter em mãos o material de pesquisa levantado.

2) *Personagem construído*: a idéia é construir uma narrativa visual para a paisagem, buscando criar com a movimentação de câmera e junção/sobreposição de planos a sensação espacial perdida no plano bidimensional da imagem. Tomadas aéreas de helicóptero e planos-sequência de deslocamentos longitudinais e transversais pelas camadas estabelecidas exemplificam algumas dessas possibilidades. Uma outra idéia

possível é a de um longo plano executado em quatro partes, que pretende trabalhar a noção de “emparedamento” da paisagem. Olhando sempre para um mesmo lado (o Campos Elíseos na Av. São João e o Largo do Arouche e Vila Buarque na R. Amaral Gurgel), o plano começa no túnel que liga a Av. São João com a Água Branca, na subjetiva de um passageiro no ônibus. Na segunda parte ele sobe para a segunda camada e mira o Elevado a partir das janelas e sacadas dos apartamentos, filmadas uma a uma, lado a lado. Ao animar esta seqüência de imagens, este segmento do plano cria na bi-dimensionalidade da tela uma sensação espacial da paisagem urbana, pois o espectador pode perceber os planos que estão à sua frente: o das construções, o dos vazios (praças e largos) - quando a câmera se afasta porque existe um recuo do apartamento que estamos gravando em relação ao Minhocão - e o das aberturas dos apartamentos (janelas de sala, banheiro, quartos, ou ainda o “quadro cheio” do terraço). O plano segue nessa mesma cota por cima do viaduto na subjetiva de um ciclista no domingo até a passagem da Av. São João para R. Amaral Gurgel. Por último, passamos para a cobertura dos prédios ao longo da R. Amaral Gurgel.

3) *Imagens de arquivo*: as imagens de arquivo narram o Minhocão como personagem. Sejam as produzidas pelos entrevistados, sejam as recolhidas em arquivos, elas retratam o Elevado na sua dimensão espacial e histórica. A partir do trabalho de edição, essas imagens juntam-se com as produzidas pelo filme e conformam esse discurso do viaduto. Segmentos marcados pela sintonia entre som (trilha sonora) e imagem, que pautam o ritmo de todo o documentário. Trechos mais significativos das entrevistas, podem entrar em off nesses planos. A intervenção artística de Flavio L. Motta e Marcello Nitsche realizada nos pilares centrais, utilizando trechos do Super-8 *Superfícies Habitáveis - Memorial 2* irá compor a montagem final do documentário.



1



2



4



5



7

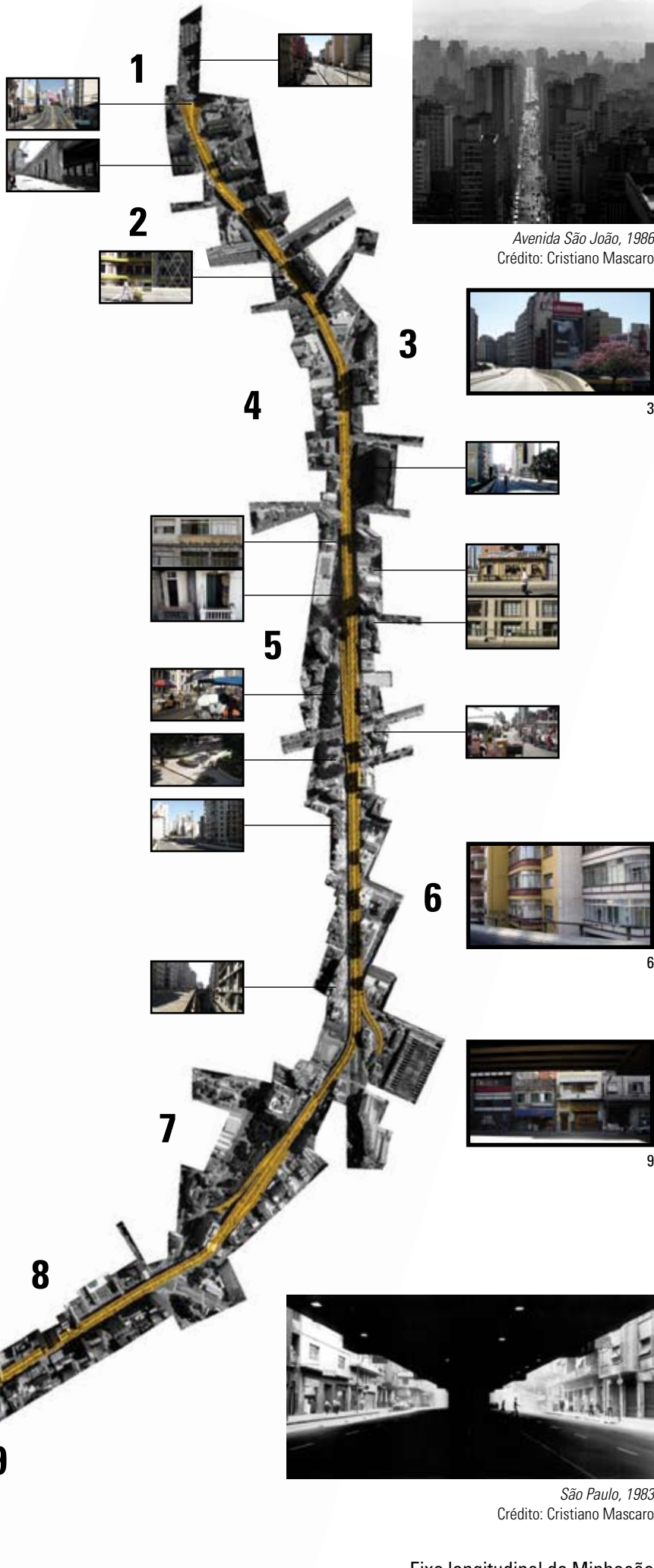


8



9

5



Avenida São João, 1986
Crédito: Cristiano Mascaro



3



3

6



6



9



São Paulo, 1983
Crédito: Cristiano Mascaro

Eixo longitudinal do Minhocão

Plano-sequência na perspectiva de passageiro no ônibus



SUGESTÃO DE ESTRUTURA

O documentário começa apresentando seus personagens com imagens do Minhocão (um vôo de helicóptero vindo da Radial Leste até a Praça Roosevelt, seguido por um mergulho para debaixo do viaduto até o túnel da Água Branca para finalmente voltar para o plano aéreo até o Pico do Jaraguá) e pequenas falas dos entrevistados que compõem o vídeo. Essas falas situam uma primeira relação dos personagens reais com o viaduto. Depois dessa introdução, começamos a nos aprofundar em cada entrevistado. A idéia não é recortar as entrevistas e juntá-las por “temas”, mas sim, que cada personagem possa se desenvolver e envolver o público na sua história pessoal, na sua experiência singular com o Minhocão. As entrevistas que ocorrem no eixo de deslocamento dos automóveis podem durar o tempo de uma viagem, fornecendo dessa maneira uma referência temporal de duração para o espectador.

Uma estrutura possível para ordenação dos entrevistados no documentário seria seguir as passagens de camadas do Minhocão. Começamos com os personagens no nível da rua, depois subimos para a cota do Elevado e, por último, abordá-los os que estão acima dele. Desta forma, o espectador vai ganhando aos poucos a linha do horizonte, podendo perceber como o objeto construído conforma a paisagem. As imagens de arquivo serão manipuladas ao longo de todo o documentário sempre que auxiliarem no discurso visual que se pretenda construir, a partir da fala dos entrevistados ou da narrativa do viaduto. Permeando essa estrutura, entrariam os personagens que se deslocam pelo Minhocão.

O primeiro bloco do documentário traria os personagens do nível da Av. São João e R. Amaral Gurgel. As gravações se concentrariam na parte do dia, explorando o funcionamento da cidade: circulação, comércio, serviços. Como essas funções acontecem naquele espaço? Como aconteciam antes da construção? E com sua demolição? Nesse bloco, cabe certamente imagens do lugar anteriores à 1971, imagens da construção, dentre outras reveladas pela pesquisa de arquivo.

No segundo bloco passamos para a camada do Elevado. As gravações alternam noturnas e diurnas. As noturnas se concentram nas entrevistas com os moradores dos apartamentos que vivem não apenas os ruídos dos automóveis durante o dia, mas também os acontecimentos da noite embaixo do Minhocão. A imagem dos automóveis passando a cinco metros da sua janela é mais factível de se imaginar do que os ruídos e as coisas que não se vê durante a noite. Como é a vida desses moradores? Por que estão lá? Onde trabalham? Desejam o fim do Minhocão? A câmera sempre posicionada transversalmente ao viaduto. Aos domingos as janelas dos moradores se abrem para o Elevado. Alguns ficam observando o movimento dos que estão correndo, andando de bicicleta, patins, passeando com o cachorro... Quem afinal são essas pessoas que circulam aos domingos? Moram nas redondezas? O que pensam do viaduto? E de sua possível demolição? Nessas imagens diurnas, nos concentramos nos personagens “domingueiros”. A câmera se posiciona no contra-plano da vista das janelas dos moradores entrevistados (plano noturno/contra-plano diurno). Esta relação cria uma certa continuidade do espaço entre o Elevado aos domingos e as habitações. O corte abrupto é o da moradia/lazer com o da circulação automotiva. Neste caso, mudamos o eixo da câmera para o eixo do deslocamento, criando um rasgo de sentido nessa permeabilidade espacial.

No terceiro bloco, exploramos os personagens que moram acima da cota do Elevado. Priorizando locações diurnas, revelaremos agora vistas da cidade até então impossibilitadas pelas construções. A idéia é conseguir buscar personagens que habitem apartamentos com vistas relevantes para uma construção de discurso sobre o espaço. O que muda no morar dessas pessoas?

Os personagens podem (e seria mais rico para o documentário que isso efetivamente acontecesse) se cruzar quando acessam cotas diferentes das suas. O morador que desce para a rua para comprar na venda de fulano; o encanador, chaveiro ou eletricista que executa consertos nos apartamentos de ciclano; um “domingueiro” que esteja visitando algum morador. Esses cruzamentos vão criando uma dimensão de sociabilidade, de uma rede formada ao redor do mesmo espaço construído. O documentário acaba com este grande plano (descrito anteriormente), que integra as três cotas trabalhadas e permite que o espectador veja, num único plano, localidades que ele assistiu de forma segmentada ao longo do documentário, criando uma percepção mais totalizada do espaço.

O Minhocão se transforma numa metáfora para se pensar a cidade em movimento. De um lado, porque ele tem uma data. O tempo da vivência se inscreve nele e ele inscreve na cidade um novo tempo. De alguma maneira, o Minhocão une pontos distantes, ele é ao mesmo tempo uma constante (para os que vivem ali) e um espaço provisório (para os que ali passam).